

A Última Hora da pré-história do jornalismo brasileiro



MEDEIROS, Benício. *A rotativa parou! Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Vilso Junior Santi

Doutorando em Comunicação Social pela PUCRS/RS/BR
vjsanti@yahoo.com.br

Uma história que se inicia pelo fim. Assim pode ser definida a saga relatada por Benício Medeiros no livro *A rotativa parou!* Os últimos dias da *Última Hora* de Samuel Wainer. O livro, segundo o autor, nasceu de um pequeno artigo que deveria ser escrito a propósito das comemorações dos 200 anos de imprensa no Brasil e do centenário da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Seu propósito primeiro era louvar os feitos de Samuel Wainer e da sua “heróica e malfadada *Última Hora*”. Medeiros, porém, refém de suas memórias, não conseguiu finalizar sua redação nas 15 ou 20 páginas iniciais – “o artigo foi crescendo, desdobrou-se em capítulos e acabou se transformando nesse livro”.

Seu conteúdo, profetiza o autor já na nota introdutória da publicação, pode ser útil a todos aqueles interessados pela comunicação, os quais conseguirão recolher nas suas páginas um testemunho sobre o que Medeiros qualificou como a “pré-história do jornalismo brasileiro”. Porém, ele ressalta que a obra não deve ser tratada estritamente como um livro de história, um livro de historiador: “São apenas flashes, fiapos de lembranças e observações a que tentei imprimir algum sentido e nexos” (2009, p. 7).

Medeiros na composição de *A rotativa Parou!* trabalhou metodologicamente com o resgate de algumas das numerosas pesquisas já realizadas sobre a *Última Hora* (UH); com a consulta de parte considerável do acervo relacionado a Samuel Wainer; com alguns depoimentos originais tomados de personagens da redação do periódico; mas, sobretudo, lançou mão de “pura matéria de memória”. Boas ou ruins, as lembranças do autor, também ilustradas por um conjunto significativo de fotografias que acompanha a edição, couberam nas 215 páginas da publicação.

Medeiros, hoje com 63 anos, reconhece que quando atuou na UH era apenas “um pobre repórter em começo de carreira que colhia abobrinhas pelas ruas do Rio”. Não trabalhou na fase áurea do jornal, mas testemunhou seu ocaso. Passou pouco tempo, cerca de um ano, naquela redação cada vez mais dilapidada. “A *Última Hora* foi meu primeiro emprego. Carteira assinada. Salário de 500 pratas. Uma maravilha!”.

O autor ingressou no jornal em janeiro de 1970, indicado para ocupar o lugar de seu colega na faculdade de direito, Bernardo de Mendonça. Depois de uma conversa rápida com o chefe de redação, foi contrata-

do para trabalhar na editoria de geral, ou seja, como ele mesmo aponta – “pau pra toda obra”. E, justamente na hora em que começava a conquistar algum prestígio como jornalista, ou melhor, como “candidato a jornalista” dentro do jornal, a *UH* desmorona.

A intensidade daqueles momentos, no entanto, marcaram para sempre a memória do autor. Tais lembranças, com o fabrico e a publicação desse livro, ao menos em parte, encontram-se agora devidamente registradas.

A última hora de Samuel Wainer

Conforme o relato de Medeiros em *A rotativa parou!* é impossível descrever a trajetória da *Ultima Hora* sem descrever a conturbada trajetória de Samuel Wainer. Um percurso que segundo o próprio Wainer permitiu-lhe conhecer a ascensão, a glória e a queda, ou seja, viver uma experiência humana completa.

Conta Medeiros que Wainer era, de fato, uma personalidade especial. No seu itinerário turbulento o jornalista fez grandes amigos e também grandes inimigos. Foi preso duas vezes durante o Estado Novo, quando dirigia a *Revista Diretrizes*, e voltou para o “xadrez” em 1955. Depois, em 1964 teve seus direitos políticos cassados pelo golpe militar e um dia depois da edição do AI-5, em dezembro de 1968, viu seu nome incluído numa lista dos mais procurados pelo regime.

Para Medeiros, Wainer não era um homem de esquerda nem de direita, mas apenas um empresário liberal. No plano das afeições ideológicas, era essencialmente um “Getulista” e um defensor dos interesses populares. Conforme relato, conciliador, Wainer nunca quis briga com os militares e chegou até a fazer concessões à ditadura. Mas, foi por conta dessas concessões que, nos tempos de crise, ele começou seriamente a pensar em vender a *Ultima Hora*.

Magro, nervoso, o Wainer da *UH* vestia invariavelmente uma espécie de uniforme: calça azul marinho, camisa de marinheiro e uma fina gravata escura, com o laço frouxo no pescoço. Era um homem informal que dispensava o Doutor como forma de tratamento. Segundo Medeiros, sempre foi mais jornalista do que patrão – fato que o diferenciava dos outros donos de jornais na época. Era, sobretudo, um “estranho no ninho”, “um judeuzinho vindo do nada”, “um marginal da oligarquia”, sem maiores vínculos com as grandes famílias brasileiras, que teve um dia a “petulância de querer competir com os barões do quarto poder”.

Wainer, conforme Medeiros, cumpriu um longo e penoso caminho de repórter antes de se tornar proprietário da *Ultima Hora*. Criou junto com Azevedo Ama-

ral a *Revista Diretrizes*. Foi repórter de *O Jornal* de Assis Chateaubriand. Cobriu acontecimentos importantes como o julgamento de Nuremberg e, em 1949, fez a célebre entrevista com Getúlio Vargas na qual ele anunciava: “Eu voltarei como um líder de massas”.

Depois de 1951 com a eleição de Vargas se tornou a “eminência parda” do governo, o “amigo do homem”. No entanto, além do “Escândalo da *UH*”, relacionado à aquisição da sede do *Diário Carioca*, Wainer teve de enfrentar ainda, no segundo governo de Vargas, a acusação de não ter nascido no Brasil o que constitucionalmente o impedia de ser dono de um jornal em território nacional.

A rápida ascensão de Wainer no mercado jornalístico da época é creditada por Medeiros em A rotativa parou! ao seu talento inato de captar recursos. Em contraposição, conforme o autor, Wainer nunca soube escrever direito e não conseguia compor textos no tamanho que deveriam ocupar nas páginas do jornal.

A rápida ascensão de Wainer no mercado jornalístico da época é creditada por Medeiros em *A rotativa parou!* ao seu talento inato de captar recursos. Em contraposição, conforme o autor, Wainer nunca soube escrever direito e não conseguia compor textos no tamanho que deveriam ocupar nas páginas do jornal.

Na sua redação Wainer sempre deu muita importância ao trabalho de artistas, ilustradores e fotógrafos. Era fanático pelo furo, queria sempre que todas as notícias saíssem primeiro na *Ultima Hora* e considerava importante renovar constantemente a sua equipe de trabalho. Fazia jornalismo nas 24 horas do dia e, em épocas de crise, tomava remédios para não dormir.

Segundo Medeiros, Wainer reprovava “factóides”, mas por vezes, por conta da censura, publicava “bo-

bagens” já que os assuntos realmente sérios não podiam sair. Wainer apreciava “curtir” um bom texto. Generoso sempre que possível massageava o ego de algum foca por conta de um trabalho bem feito. O patrão frequentemente se misturava aos subordinados, dava ideias, opinava sobre reportagens e montava pessoalmente esquemas especiais de cobertura.

Conta Medeiros que com o fim da *Ultima Hora* Wainer retornou a condição de assalariado. “Foi-se o empresário, mas ficou o jornalista”, diz Medeiros, “Na minha opinião, essa mudança radical de vida, em vez de diminuir Wainer, pelo contrário o engrandeceu”. Em 1971 Wainer se tornou empregado do antigo concorrente Adolfo Bloch. Depois seguiu para São Paulo, assumindo inicialmente o cargo de redator-chefe da *UH* paulista pertencente, já há algum tempo, ao *Grupo Folha*. Nos seus últimos anos de vida Wainer ocupava o cargo de editor assistente da *Carta Editoria* e da *Editora Três*, assinando também uma coluna na *Folha de S.Paulo*. Um trabalhador inveterado que, segundo Medeiros, trabalhou até o último dia de sua vida.

De manhã como sempre fazia, antenado aos problemas do Brasil e do Mundo, Samuel começou a escrever seu último artigo para a *Folha*. Concluiu-o à tarde. Como costumava fazer, na redação do jornal. À noite, ao chegar em casa desmarcou um jantar agendado com um amigo. De madrugada se sentiu mal, desceu e tomou um táxi até o hospital Albert Einstein. Morreu sozinho nos corredores do hospital em 2 de setembro de 1980, aos 70 anos (p. 214).

A última hora da Última Hora

Como bem aponta Benicio Medeiros em *A rotativa parou!* um empreendimento como a *Ultima Hora* não poderia ter surgido do nada, independente das experiências anteriores. O jornal de Samuel Wainer apareceu na esteira de grandes transformações por que passou a imprensa carioca após a queda do primeiro governo de Getúlio Vargas, em 1945. Com a redemocratização, mais seguros quanto à situação política do país, os donos de jornais acharam que naquele momento valia a pena investir nos seus produtos, de modo a conquistar mais leitores e anunciantes.

Conta Medeiros que na época da *UH* o jornalismo impresso exibia no Rio de Janeiro uma impressionante pujança e diversidade. Não havia a possibilidade de um jornalista ficar desempregado e muitos até trabalhavam para dois jornais concorrentes. Porém, depreende-se da leitura de sua obra que até o final da década de 1960 o panorama mudara abruptamente. Nesse novo período um grande número de títulos dei-

xou de circular e a crise na imprensa espalhou-se motivada por fatores como o avanço da TV; a mudança da capital nacional para Brasília; o golpe militar de 1964; e a própria lógica implacável do capitalismo segundo a qual os maiores sempre acabam por abocanhar os menores.

Segundo Medeiros quando Wainer ingressou no mercado jornalístico as publicações cariocas se dividiam basicamente em jornais de “cavação” explícita – sensacionalistas e de pouco crédito – e em “jornalões” ditos sérios – os doutrinários. Em ambos predominava um jornalismo de ataques pessoais, feito não para servir o interesse comum, mas aos propósitos muitas vezes espúrios dos donos dos jornais.

A *Ultima Hora*, em contraponto, nasceu como um vigoroso jornal popular – populista, segundo os detratores – mas fora dos modelos sensacionalistas em voga na época. Para Medeiros, tratava-se de uma publicação de tendência socialista, ou mais propriamente trabalhista, que almejava representar um canal aberto entre o segundo governo de Getúlio Vargas e um segmento social bastante abstrato da população – o povo. “Um veículo que compreendiam e abria espaço as causas e aflições populares do dia-a-dia” (2009, p. 14).

Em seu nascedouro fruto de um modelo hoje possivelmente não realizável – da associação entre um jornalista-empresário e um governante – o esquema que originou o jornal expressava bem os costumes políticos da época. Nesses termos, diz Medeiros, a criação da *UH* é ainda hoje um capítulo obscuro da história da imprensa no Brasil. “O que se sabe é que a moderna sede do *Diário Carioca*, de Horácio de Carvalho, do dia para noite passou a pertencer a Samuel Wainer” (2009, p. 46).

A sede original da *Ultima Hora*, na descrição de Benicio Medeiros, era moderna, simpática e algo suntuosa. Ficava na Avenida Presidente Vargas, próximo a Central do Brasil. Já a segunda e última era “um prédio chato, quadrado, de quatro andares, no fundão da Rua Sotero dos Reis” – nas imediações da Praça da Bandeira.

O nome do jornal não era novidade, Wainer tomou emprestado de um periódico peruano. Nova talvez seja a informação, que não consta no livro de Medeiros, publicada no blog <http://pente-fino.info/>¹. Segundo sua autora, a escritora Lúcia Reis, foi sua mãe Isa de Sá Mota, na época em que esteve casada com Wainer, quem sugeriu o nome do jornal. Diz ela: “para quem não sabe, o nome *Ultima Hora* para o jornal fundado por Samuel foi sugerido por minha mãe e incorporado por ele que se encantou com a escolha”.

Conforme Medeiros o desenho de página da *UH* passava ao leitor o espírito de um jornal dinâmico, escrito as pressas, em cima dos fatos, ou seja, à última hora, com o relato dos acontecimentos mais recentes ocorridos no país e no mundo. Para o autor era a ousadia que diferenciava a *Ultima Hora* dos outros grandes jornais da época. “Representava na verdade um sopro de juventude na imprensa brasileira” (2009, p. 18).

Seu desenho movimentado, que muitas vezes descambava para certa esculhambação, ordenada com detalhes em azul, podia ser visto como um exercício de criatividade as vezes exagerado, mas que conquistou grandes camadas de um público leitor que, no entanto, parecia valorizar mais o conteúdo do que a forma (2009, p. 22).

O jornal, em relação aos seus concorrentes, também inovou no seu logotipo. Imprimiu-o em azul, reabilitando a cor que havia caído em desuso nas publicações diárias daquele tempo. A *Ultima Hora* passou a utilizar pioneiramente a cor nas ilustrações e nas vinhetas, como elemento de composição característico e um atrativo a mais para os leitores. Benício Medeiros põe na conta de Samuel Wainer a incorporação de artistas gráficos as equipe de trabalho nas redações, assim como o responsabiliza diretamente pelo que chamou de “revolução na paginação e na diagramação de jornal” no país.

Conforme Medeiros antes da *UH* a técnica da diagramação não existia nos jornais brasileiros. Era o chefe da gráfica, a partir de um esboço de página (espelho) rabiscado pelo secretário de redação, que decidia por conta própria o tamanho do corpo e o tipo de cada texto. Com a diagramação, introduzida por Wainer, os redatores passaram a preparar os textos no tamanho calculado pelo diagramador, sabendo de antemão o espaço que iriam ocupar no jornal. “As páginas ficaram, assim, muito mais bonitas, limpas e equilibradas” (2009, p. 165).

A *UH* também reproduziu em suas páginas colunas famosas como *A Vida como ela é* de Nelson Rodrigues. Possuía um segundo caderno que publicava variedades, inclusive fotos despudoradas das “boazudas” da época. Para Medeiros, este estilo “escrachado” do segundo caderno antecipou e inspirou *O Pasquim*, um fenômeno editorial em 1969. Nessa “balada”, diz Medeiros, muitos jovens leitores passaram a preferir o tom descontraído da *Ultima Hora* à sisudez engravatada dos concorrentes.

Além das colunas e do segundo caderno, a *UH* também trabalhou ao longo do tempo com diversos outros suplementos: com o *Jornal do Chacrinha*, por exem-

plo, que contava os bastidores da TV e os segredos íntimos das chacetes; e com o *Jornal da Comunicação* – um projeto em que Wainer pôs muita fé. Ele era destinado ao público jovem e universitário que naquela época só falava em comunicação e do seu guru da hora Mashall McLuhan.

A *UH* que surgiu como um jornal vespertino, distribuído ao meio dia, cresceu e chegou a tirar nos bons tempos até dez edições diárias. Começou vendendo 15 mil exemplares por dia, mas, no ano seguinte já comercializava 100 mil. Ainda na primeira metade da década de 1950, conforme os dados de Medeiros, a *Ultima Hora* já vendia aproximadamente 330 mil exemplares por dia. No dia da morte de Getúlio Vargas, o jornal, segundo Samuel Wainer, teria vendido nada menos do que 700 mil exemplares. Se for verdade trata-se de um recorde histórico nunca mais alcançado pela imprensa no Brasil.

O jornal, em relação aos seus concorrentes, também inovou no seu logotipo. Imprimiu-o em azul, reabilitando a cor que havia caído em desuso nas publicações diárias daquele tempo. A *Ultima Hora* passou a utilizar pioneiramente a cor nas ilustrações e nas vinhetas, como elemento de composição característico e um atrativo a mais para os leitores.

Em 1952 Wainer inaugurou a *Ultima Hora* paulista, o embrião de sua futura *Rede Nacional de Ultima Hora*. Mas, é somente em 1960 que ele consegue consolidar sua tão sonhada organização a qual correspondia, para os padrões da época, a um espetacular trabalho de engenharia industrial e administrativa. Com representações em sete estados (Guanabara, Rio, São Paulo,

Pernambuco, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul), já em 1961, a *Rede Nacional de Última Hora* começou a rivalizar em tamanho com os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

Por conta da criação de sua *Rede Wainer* arquitetou um esquema de distribuição dinâmico, original e criativo. Para compensar a falta de impressoras mais rápidas Wainer decidiu antecipar os fechamentos e inventou um sistema que batizou de “distribuição pulverizada”, ainda hoje copiada por inúmeros periódicos, utilizando diversos recursos para fazer a *Última Hora* chegar às bancas antes dos seus concorrentes.

No entanto, a trajetória do jornal, assim como a trajetória particular de Samuel Wainer, foi bastante conturbada. “Foi antes um trajeto de uma montanha russa, com seus altos e baixos, cheio de emoções”, descreve Medeiros (2009, p. 23). Desde a primeira edição, em 12 de junho de 1951, a *UH* foi se equilibrando de crise em crise. Mesmo assim virou um jornal importante.

Os inimigos de Getúlio nunca deram colher de chá a Wainer. Sob o fogo cruzado principalmente de Carlos Lacerda e do seu ex-patrão Assis Chateaubriand, conta Medeiros que Wainer foi espezinhado através de uma campanha ferrenha que pretendia sufocar a *Última Hora* suprimindo-lhe a publicidade. Chatô, aliás, já teria se enfurecido com Wainer no momento da criação da *UH*, acusando-o de inflacionar o mercado pagando aos jornalistas salários altos demais.

Porém, para Medeiros, foi graças aos novos níveis de remuneração implantados por Wainer em sua *Última Hora* que os jornalistas emergiram da vala comum dos subempregados, passando a serem respeitados na sociedade brasileira. “Antes da *UH*, a profissão de jornalista nada mais era do que um bico, sujeito as humilhações do suborno e ao vexame do cala-boca” (2009, p. 206).

Com a renúncia de Jânio Quadros e depois da conturbada posse de João Goulart a *UH* assume uma postura nacional reformista. O jornal apoiou as reformas de base propostas por Jango e pretendia contribuir para torná-las realidade. Tal postura durou até 01 de abril de 1964, data do golpe, quando segundo Medeiros, um grupo de baderneiros do MAC (Movimento Anticomunista) depois de atear fogo ao prédio da UNE (União Nacional dos Estudantes), destruiu a sede da *Última Hora*.

Benício Medeiros elucida que mesmo assim o jornal circulou no dia seguinte “uma folha raquítica produzida nervosamente para denunciar os abusos sofridos”. Com Samuel Wainer extraditado e sob censura, na falta de assuntos mais relevantes que pudessem ser

apurados, qualquer abobrinha passou a justificar um esforço de reportagem no jornal. “Era como se vivêssemos duas realidades: a que podia vir à tona e uma outra, encoberta, que não chegava ao conhecimento do público” diz Medeiros (2009, p. 162).

O golpe militar feriu mortalmente a *Última Hora*. Mesmo experimentando períodos de ressurgência e até de certo desenvolvimento, sustentados por algumas das diversas reformas editoriais patrocinadas por Wainer e por seus colaboradores no período pós-1964, o jornal nunca mais conseguiu recuperar o seu prestígio. Porém, aponta Medeiros, o infortúnio de Wainer como empresário não pode ser colocado apenas na conta da ditadura militar. Golpes perpetrados contra Wainer por sócios “muy amigos”, no seu período de exílio, também contribuíram para a derrocada da *UH*.

No dia da morte de Getúlio Vargas, o jornal, segundo Samuel Wainer, teria vendido nada menos do que 700 mil exemplares. Se for verdade trata-se de um recorde histórico nunca mais alcançado pela imprensa no Brasil.

Nas palavras de Benício Medeiros, acossado pelo quadro político, pela crise econômica e pela situação interna do jornal Wainer se viu forçado a desistir de lutar por seu sonho.

A paciência da redação esgotou-se e decidiu-se por uma paralisação no horário do fechamento em sinal de protesto contra uma situação que se revelava insustentável. Coisa inédita em quase 20 anos de contínua atividade: a redação da *UH*, nesse dia, parou por um interminável minuto. Samuel trabalhava normalmente no aquário subindo e descendo os óculos como sempre fazia, quando percebeu uma estranha calma. Levantou-se e viu a cena chocante. Estavam todos de pé, num silêncio luto, pois nada, na verdade precisava ser dito. Samuel parecia não acreditar no que via, disfarçava, não sabia onde por as mãos, o que dizer ou fazer. Me deu pena de ver seu olhar atônito, por trás do vidro do aquário. Não era o olhar do patrão, nem

do jornalista, mas o olhar de um homem comum diante da própria ruína, diante do fim da sua grande aventura (p. 208).

O processo de venda da *Última Hora* já estava em curso há algum tempo e, em 1971, finalmente surgiram interessados. O título foi vendido por um milhão e meio de dólares a um grupo de empresários – um bom dinheiro, mas não o suficiente para que Wainer honrasse todas as suas dívidas. Apesar do que fora prometido, boa parte dos jornalistas foi embora da redação sem nada receber.

Conforme Medeiros, depois que Wainer vendeu o jornal a *UH* passaria de mão em mão, de picareta a picareta, até finar-se de vez em 1991 quando, acumulando uma dívida astronômica, teve a falência decretada. Pontua ele que, no percurso pós-Samuel, a *UH* abraçara as piores causas, defendera a ditadura, sonegara ou omitira informações aos leitores e, numa de suas fases mais infelizes, teve até um general no comando.

A última edição do jornal de Wainer, daquela *Última Hora* que, para o autor, realmente valeu a pena, circulou em 25 de abril de 1971, um domingo.

Por último apenas uma ressalva: Benício Medeiros diz na introdução de *A rotativa parou!* que preferia que seu livro fosse lido como uma obra de ficção, embora não o seja propriamente. Consideramos, no entanto, que tal recomendação é impossível de ser observada já que Benício, nas 215 páginas de sua obra, conta a história de muitas pessoas, através da história da *Última Hora*. Não apresenta apenas relatos de personagens fictícios. Re-apresenta a história de muitos daqueles que efetivamente “fizeram a hora”, a *Última Hora*, junto com Samuel Wainer ■ **FAMECOS**

NOTA

¹ Acesso: 10 mar 2009.